

NOTÍCIAS CNTV/ VIGILANTES



CONFEDERAÇÃO NACIONAL DOS VIGILANTES 13/Set

cntv@cntv.org.br | (61) 3321-6143 | www.cntv.org.br | Edição 2841/2022 

Berço da segurança privada no país bancos viram alvos fáceis de assaltantes atrás de armas

**A cada 2 dias, em média, uma arma é levada de agências em SP;
Febraban culpa empresas por cofres frágeis**



José Boaventura Santos - Presidente da CNTV

SÃO PAULO, SP (FOLHAPRESS) - O operador de máquinas Elvis Aparecido de Lima, 34, decidiu investigar um barulho vindo da escuridão do seu quintal. Após breve checagem, ele retornava ao interior da casa quando foi surpreendido por um criminoso armado. “Fica de boa”, disse o invasor.

Pensando tratar-se de uma arma de brinquedo, Lima resolveu reagir e jogou-se contra o assaltante. Na luta, levou dois tiros. Um deles atingiu a perna esquerda e, o outro, o abdômen, atravessando seu corpo e passando a milímetros da coluna vertebral.

A arma que quase tirou a vida de Lima, na frente da mulher e da filha de três anos, havia sido furtada de uma agência bancária de Sorocaba (SP), em 24 de dezembro de 2018, três dias antes dos disparos.

O revólver da marca Taurus, calibre .38, número de série JY114517, está entre as 569 armas furtadas de agências bancárias do estado de São Paulo entre junho de 2017 e maio de 2022.

Somadas às outras 257 levadas em roubos (quando há emprego de violência), totalizam 826 armas desviadas só de bancos --média de quase uma a cada dois dias, segundo dados da polícia paulista obtidos por meio de Lei de Acesso à Informação.

Esse volume representa 14,7% de todas as armas levadas por criminosos neste período no estado (5.978), incluindo aqui as roubadas e furtadas em diversos locais, como residências, unidades policiais e também bancos.

De acordo com o registro oficial do roubo à agência bancária de Sorocaba, os criminosos entraram no local de madrugada após romperem uma grade do ar-condicionado. Levaram o cofre onde estavam duas armas, munição e os coletes balísticos dos dois vigilantes que ali trabalhavam.

Esse furto exemplifica, segundo a Polícia Civil, a fragilidade dos bancos no estado que, por regra, disponibilizam locais pouco seguros para o armazenamento de armas.

Os vigias precisam deixar as armas no banco após o fim do turno de trabalho. Mas como elas não ficam guardadas no cofre principal, acabam sendo colocadas em compartimento próprio que, pela legislação atual, não precisa ser um cofre fortificado.

Na maioria dos furtos, ainda segundo os policiais, os criminosos conseguem entrar nas agências e abrir os cofres que abrigam as armas usando apenas uma chave de fenda.

“Os bandidos nem se dão ao trabalho de arrombar o cofre. Eles levam o cofre inteiro. Eles vão com uma chave de fenda, arrancam da parede e levam o cofre inteiro”, diz o delegado Pedro Ivo Correa dos Santos, titular da Delegacia de Furtos e Roubos a Bancos do Deic (Departamento Estadual de Investigações Criminais).

“Muitas vezes, o que é colocado não pode nem ser chamado de cofre. São armarinhos que se compram nessas papelarias da vida. O cofre de hotel é bom perto do que eles colocam em muitas agências. São muito, muito, muito frágeis”, completa Santos.

Essa vulnerabilidade, segundo o delegado, tem atraído quadrilhas especializadas em furto de armas guardadas em bancos. São, geralmente, ações na madrugada, em ataques muito rápidos, o que dificulta uma resposta mais eficaz da Polícia Militar.

“Eles conhecem a agência, sabem como funciona. Então, arreventam a porta de entrada principal, entram correndo com fumaça, com alarme, e vão arrombando as portas até achar o cofre. Levam o cofre e saem em 60 segundos, um minuto e meio, no máximo.”

Até agora, só as equipes de Santos já prenderam quatro quadrilhas especializadas nessas invasões.

Embora a situação ainda preocupe a polícia, a média de armas levadas no estado de São Paulo já foi maior. De acordo com dados do Instituto Sou da Paz, entre 2011 e 2020, o total de armas extraviadas só de bancos chegou a 2.838 unidades, média de 2,3 a cada três dias.

“Mesmo em queda, a gente pode apontar

que esse setor bancário é um importante foco de desvio de armas para o crime”, disse o pesquisador Bruno Langeani, gerente de projetos do instituto.

“Isso é preocupante porque, especialmente, estamos falando de um negócio que lucra mais quanto maior for a sensação de insegurança, e que, ao mesmo tempo, é um gerador de insegurança. São armas que, muitas vezes, no dia seguinte estão sendo usadas para roubar os clientes do próprio banco onde elas eram usadas.”

Uma das formas de reduzir o problema, diz o pesquisador, é a tecnologia usada experimentalmente em algumas agências que consegue rastrear as armas eventualmente levadas nos furtos.



Segundo o presidente da CNTV (Confederação Nacional dos Vigilantes e Prestadores de Serviço), José Boaventura Santos, a situação de fragilidade das agências aumentou na medida em que a segurança 24 horas dos bancos foi reduzida e, praticamente, não existe mais.

“Poucas são as agências bancárias em que o vigilante permanece 24 horas. Aí, na saída, ele tem que guardar a arma. Nessas situações, às vezes guarda a arma numa gavetinha, numa situação muito frágil.”

O sindicalista disse ainda que isso acontece por falta de fiscalização.

“A portaria da PF diz que precisa ter um cofre. Mas, as empresas vão driblando essas coisas. Há punição quando é constatada essa guarda frágil, mas o problema é que essa fiscalização não é tão eficaz.”

De acordo com André Zanetic, especialista em segurança privada, as agências bancárias foram obrigadas a implantar equipes de segurança com a publicação de um decreto-lei em 1969, após a escalada de assaltos iniciada ainda nos anos 1950.

Procurada pela Folha, a Febraban informou que, por lei, todo estabelecimento financeiro tem plano de segurança, aprovado pelo Ministério da Justiça, composto de uma série de dispositivos, entre eles a vigilância armada.

Quanto aos cofres considerados frágeis pela polícia e por especialistas, a Febraban diz que a responsabilidade da aquisição, controle e manutenção dos compartimentos é das empresas terceirizadas de segurança.

Os bancos dizem ainda investir cerca de R\$ 9 bilhões ao ano no aprimoramento da segurança bancária, o triplo do que era gasto há dez anos, e na cooperação com a segurança pública.

Procurada, a Fenavist (Federação Nacional das Empresas de Segurança e Transporte de Valores) não quis comentar o assunto.

Fonte: YAHOO

PAGAMENTO PROCESSO PONTESEG/EMBASA:

**INICIANDO A SEMANA COM CRÉDITO PARA MAIS 9
COLEGAS EX-PONTESEG/EMBASA**



ATENÇÃO

Para início de conversa trazemos uma boa notícia para muita gente: nesta semana o Sindicato estará liberando mais de R\$ 1.000.000,00 (um milhão de reais) em crédito novo para diversos processos. Se confiou a diretoria de luta do seu Sindicato a defesa e a luta por seus direitos, fique ligado.

Para esta segunda-feira ficou pronto os cheques liberando o crédito em dois processos. Aqui o crédito é para 9 colegas ex-Ponteseg/Embasa, cobrando verbas rescisórias. É um crédito complementar, uma vez que estes colegas já receberam o principal.

É luta.

É Conquista.

Os colegas já podem procurar o seu Sindicato, de segunda a sexta-feira, sempre das 08 às 12h,

apresentando o Cartão de Vacina Anti-covid e original e cópias do RG e CTPS (pagina da foto, verso e pagina do contrato Ponteseg).

Confira o processo e seu nome:

PROCESSO 869.2012.24ª

SINDVIGILANTES/BA X PONTESEG/EMBASA

- ANTONIO CARLOS MOREIRA DA SILVA
- CARLOS PINHEIRO DOS SANTOS
- DILSON LIMA BARBOSA
- JACKSON MENEZES DE SOUZA
- JULIO CESAR FRANÇA TEIXEIRA
- LUIZ AUGUSTO BASTOS DOS SANTOS
- NORMANDO ALMEIDA LIMA
- RAIMUNDO NONATO DOS SANTOS
- VALFRIDES CONCEIÇÃO SANTOS

Fonte: SINDVIGILANTES/BA

Armas usadas em assalto a carro-forte no RS foram compradas por um CAC

O crime ocorreu em dezembro de 2021, em Porto Alegre. De acordo com a polícia, o suspeito recebeu R\$ 2 mil para comprar armamento

Divulgação/PCRS



A investigação da Polícia Civil do Rio Grande do Sul sobre um assalto a um carro-forte, em Porto Alegre (RS), em dezembro de 2021, levou os agentes a concluírem que as armas utilizadas no crime foram compradas por um homem que tinha licença de Caçador, Atirador e Colecionador (CAC).

Segundo a polícia, o homem, que não teve o nome revelado, recebeu R\$ 2 mil pela compra de um fuzil e outras armas menores.

Para se tornar um CAC, é necessário passar por avaliações, inclusive, do Exército Brasileiro e da Polícia Federal.

De acordo com a apuração, os armamentos foram adquiridos entre 2020 e 2021.

“Primeiramente, o homem ganhou R\$ 2 mil pela compra do fuzil e de uma arma curta. Após, foi aliciado para que comprasse outras armas curtas não tendo recebido nada para tal, tendo

em vista que foi ameaçado de morte”, disse o delegado responsável pelo caso, João Paulo de Abreu.

O suspeito chegou a ser preso temporariamente em fevereiro, mas foi solto.

O crime

Utilizando adesivos da Polícia Civil nos carros, no dia 29 de dezembro do ano passado, um grupo de seis homens armados assaltou um supermercado em Guaíba, na Região Metropolitana de Porto Alegre.

O alvo dos criminosos foi um carro-forte. Durante a ação, o grupo fez ao menos três pessoas reféns.

Dois suspeitos foram presos e outros dois foram mortos em confronto. Posteriormente, um outro suspeito foi encontrado morto. O dinheiro roubado foi recuperado pela polícia.

FONTE: METROPOLES

OIT estima que 50 milhões de pessoas são vítimas do trabalho escravo no mundo

Levantamento da OIT divulgado nesta segunda (12), com dados de todos os continentes, mostra uma explosão do trabalho análogo à escravidão nos últimos cinco anos, principalmente entre 2020 e 2021



O setor privado é apontado como o grande responsável pelos crimes que ocorrem, sobretudo, nos ramos da construção civil e da agricultura em quase todos os países do mundo

Levantamento da Organização Internacional do Trabalho (OIT), divulgado nesta segunda-feira (12), estima que ao menos 50 milhões de pessoas são vítimas de condições de trabalho análogas à escravidão no mundo. O problema afeta todos os continentes, segundo a entidade, e explodiu nos últimos cinco anos, principalmente com a pandemia de covid-19 entre 2020 e 2021. As informações são do correspondente internacional Jamil Chade, colunista do portal UOL.

A partir de 2016, mais 10 milhões de pessoas passaram a ser vítimas do trabalho escravo. A avaliação da OIT é de que a crise sanitária aprofundou a exploração. Até o ano passado, 28 milhões de pessoas estavam em situação de trabalho forçado. A entidade também estima que 3,3 milhões de crianças também sejam exploradas, inclusive sexualmente. Elas são uma em cada oito pessoas vítimas de trabalho forçado.

Expediente:

Boletim produzido pela assessoria de comunicação da CNTV

Presidente da CNTV: José Boaventura Santos

Secretário de Imprensa e Divulgação: Gilmário Araújo dos Santos

Colaboração: Jacqueline Barbosa

Diagramação: Aníbal Bispo

Situação não melhora

O levantamento da OIT indica que a “escravidão moderna” ocorre em quase todos os países do mundo, inclusive nos de renda média-alta. E tem entre as mais vulneráveis mulheres e crianças. O setor privado é apontado como o grande responsável pelos crimes, mas 14% dos casos também são relacionados a setores do estado. Além disso, a construção civil e a agricultura são responsáveis por grande parte dos casos de trabalho análogo à escravidão.

Em todos os continentes, a entidade também identificou que os imigrantes estão entre as populações mais afetadas pela realidade do trabalho forçado. Eles têm três vezes mais chance de serem vítimas do que outros segmentos. Diante dos dados, o diretor-geral da OIT, Guy Ryder, afirmou ser “chocante ver que a situação da escravidão moderna não esteja melhorando”. “Nada justifica isso”, destacou.

Vítimas de casamentos forçados

A reportagem também revela que um dos fenômenos que mais preocupa a OIT é o aumento dos casamentos forçados. No ano passado, 22 milhões de pessoas estavam nessa situação. O total indica um aumento de 6,6 milhões de vítimas de casamentos forçados, entre 2016 e 2021.

O número, no entanto, segundo a própria entidade, é subestimado. A avaliação é de que o problema seja ainda maior. A Ásia responde por 65% dos casos. A situação também é alarmante nos países árabes, onde quase cinco pessoas de cada mil são vítimas de casamentos forçados, e nas Américas. Ao todo, 5 milhões de pessoas são vítimas no continente, das quais 3,3 milhões em trabalhos forçados e o restante em casa.

FONTE: RBA

www.cntv.org.br
cntv@terra.com.br
(61) 3321-6143

SDS - Edifício Venâncio Junior,
Térreo, lojas 09-11
73300-000 Brasília-DF